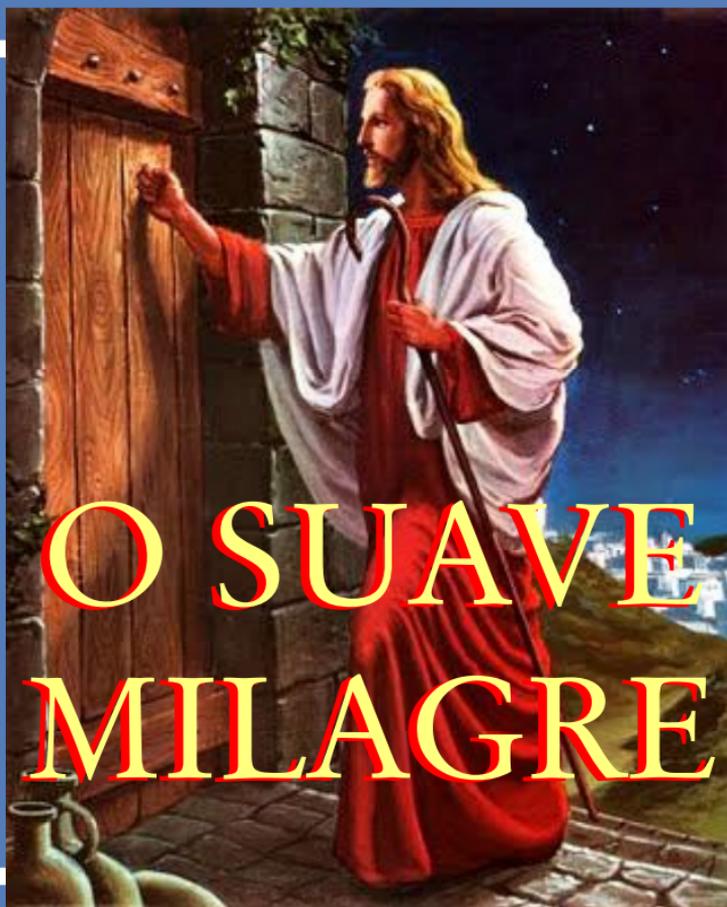


Eça de Queiroz



e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

A COLEÇÃO PEQUENAS OBRAS PRIMAS foi concebida para selecionar textos brasileiros e estrangeiros da mais alta qualidade; capazes de despertar e prender a atenção dos leitores que apreciam a simplicidade de uma história bem contada e sobretudo bem escrita.

Como são escolhidas narrativas curtas, em poucas páginas e breves minutos o leitor sairá desse mundo fantástico com a certeza de ter desfrutado de um dos momentos essenciais da literatura, através de um livro pequeno no tamanho mas de excepcional grandeza na qualidade.

Como se vê, o objetivo aqui visado é contribuir para o prazer do hábito de leitura, num momento de expansão dos meios de comunicação multivisuais.

Eça de Queiroz

O SUAVE MILAGRE

(Conto)

Seleção, organização e notas
de Cid Seixas

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL

Coleção
Pequenas Obras Primas

CONSELHO EDITORIAL:
Alana El Fahel (UEFS)
Cid Seixas (UFBA-UEFS)
Dante Lucchesi (UFF)
Vitor Hugo Martins (UNEB)
(In Memoriam)

Copyright 2018 Eça de Queiroz
Tipologia Original Garamond, 15
Formato 12 x 20 cm.
Número de Páginas: 38

Endereços deste e-book:
www.e-book.uefs.br
www.linguagens.ufba.br
https://issuu.com/e-book.br/docs/suave_milagre

SUMÁRIO

Algumas Obras do Autor,
página 6

Palavras Pouco Usadas,
página 7

O Suave Milagre
página 9

Suavidade de um Furacão
página 29

ALGUMAS OBRAS DO AUTOR

- O Mistério da Estrada de Sintra* (1870)
O Crime do Padre Amaro (1875)
A Tragédia da Rua das Flores (1877)
O Primo Basílio (1878)
O Mandarin (1880)
A Relíquia (1887)
Os Maias (1888)
Uma Campanha Alegre (1890)
A Ilustre Casa de Ramires (1900)

OBRAS PÓSTUMAS

- A Cidade e as Serras* (1901)
Contos (1902)
Prosas Bárbaras (1903)
Ecos de Paris (1905)
Notas contemporâneas (1909)
Últimas páginas (1912)
A Capital (1925)
O Conde de Abranhos (1925)
Alves & Companhia (1925)
O Egito (1926)

PALAVRAS POUCO USADAS

Alfaia – Móveis ou objetos de enfeite

Bilha – Vaso bojudo de boca estreita para líquidos.

Decurião – Entre os romanos, chefe de um grupo de dez.

Essênio – Grupo antigo que pregava uma vida de bons hábitos; homens virtuosos e entregues aos trabalhos espirituais.

Fariseu – Religioso radical, considerado hipócrita por Jesus.

Ijar – Ou mês de Iyar, mês da primavera.

Malóbatro – Designação antiga de tipo de árvore ou de madeira.

Racca – Termo usado pelos judeus para expressar desprezo; que se pronuncia como quem cospe ou escarra.

Sacrilegamente – De modo ofensivo à religião.

Seareiro – Trabalhador da seara ou da terra, lavrador.

Taleigo – Saco longo e pequeno.

Trigueira – Que tem a cor do trigo maduro, morena.

Velário – Toldo, objeto para por velas.

Vergéis – Jardins, áreas verdes.

O SUAVE MILAGRE

Nesse tempo Jesus ainda se não afastara da Galileia e das doces, luminosas margens do lago de Tiberíade – mas a nova dos seus milagres penetrara já até Enganim, cidade rica, de muralhas fortes, entre olivais e vinhedos, no país de Issacar.

Uma tarde um homem de olhos ardentes e deslumbrados passou no fresco vale, e anunciou que um novo profeta, um rabi formoso, percorria os campos e as aldeias da Galileia, predizendo a chegada do Reino de Deus, curando todos os males humanos. E, enquanto descansava, sentado à beira da Fonte dos Vergéis, contou ainda

que esse rabi, na estrada de Magdala, sarara da lepra o servo de um decurião romano, só com estender sobre ele a sombra das suas mãos; e que noutra manhã, atravessando numa barca para a terra dos Gerasenos, onde começava a colheita do bálsamo, ressuscitara a filha de Jairo, homem considerável e douto que comentava os livros na sinagoga. E como em redor, assombrados, seareiros, pastores, e as mulheres trigueiras com a bilha no ombro, lhe perguntassem se esse era, em verdade, o Messias da Judeia, e se diante dele refulgia a espada de fogo, e se o ladeavam, caminhando como as sombras de duas torres, as sombras de Gog e de Magog – o homem, sem mesmo beber daquela água tão fria de que bebera Josué, apanhou o cajado, sacudiu os cabelos, e meteu pensativamente por sob o aqueduto, logo sumido na espessura das amendoeiras em flor. Mas uma esperança, deliciosa como o orvalho nos meses em

que canta a cigarra, refrescou as almas simples: logo, por toda a campina que verdeja até Áscalon, o arado pareceu mais brando de enterrar, mais leve de mover a pedra do lagar: as crianças, colhendo ramos de anêmonas, espreitavam pelos caminhos se além da esquina do muro, ou de sob o sicômoro, não surgiria uma claridade, e nos bancos de pedra, às portas da cidade, os velhos, correndo os dedos pelos fios das barbas, já não desenrolavam, com tão sapiente certeza, os ditames antigos.

Ora então vivia em Enganim um velho, por nome Obed, de uma família pontifical de Samaria, que sacrificara nas aras do monte Ebal, senhor de fartos rebanhos e de fartas vinhas – e com o coração tão cheio de orgulho como seu celeiro de trigo. Mas um vento árido e abrasado, esse vento de desolação que ao mando do Senhor sopra das torvas terras de Assur, matara as reses mais gordas das suas

manadas, e pelas encostas onde as suas vinhas se enroscavam ao olmo, e se estiravam na latada airosa, só deixara, em torno dos olmos e pilares despídos, sarmentos de cepas mirradas, e a parra roída de crespa ferrugem. E Obed, agachado à soleira da sua porta, com a ponta do manto sobre a face, palpava a poeira, lamentava a velhice, ruminava queixumes contra Deus cruel.

Apenas ouvira porém desse novo rabi da Galileia que alimentava as multidões, amedrontava os demônios, emendava todas as desventuras – Obed, homem lido, que viajara na Fenícia, logo pensou que Jesus seria um desses feiticeiros, tão costumados na Palestina, como Apolônio, ou rabi Ben-Dossa, ou Simão, «o Sutil». Esses, mesmo nas noites tenebrosas, conversam com as estrelas, para eles sempre claras e fáceis nos seus segredos; com uma vara afugentam de sobre as searas os moscardos gerados nos lodos do Egito; e agarram entre

os dedos as sombras das árvores, que conduzem, como toldos benéficos, para cima das eiras, à hora da sesta. Jesus da Galileia, mais novo, com magias mais viçosas decerto, se ele largamente o pagasse, sustaria a mortandade dos seus gados, reverdeceria os seus vinhedos. Então Obed ordenou aos seus servos que partissem, procurassem por toda a Galileia o rabi novo, e com promessa de dinheiros ou alfaias o trouxessem a Enganim, no país de Issacar.

Os servos apertaram os cinturões de couro – e largaram pela estrada das caravanas, que, costeando o lago, se estende até Damasco. Uma tarde, avistaram sobre o poente, vermelho como uma romã muito madura, as neves do monte Hérmon. Depois, na frescura de uma manhã macia, o lago de Tiberíade resplandeceu diante deles, transparente, coberto de silêncio, mais azul que o céu, todo orlado de prados floridos, de densos vergéis, de

rochas de pórfiro, e de alvos terraços por entre os palmares, sob o voo das rolas. Um pescador que desamarrava preguiçosamente a sua barca de uma ponta de relva, assombreada de aloendros, escutou, sorrindo, os servos. O rabi de Nazaré? Oh! desde o mês de Ijar, o rabi descera, com os seus discípulos, para os lados para onde o Jordão leva as águas.

Os servos correndo, seguiram pelas margens do rio, até adiante do vau, onde ele se estira num largo remanso, e descansa, e um instante dorme, imóvel e verde, à sombra dos tamarindos. Um homem da tribo dos Essénios, todo vestido de linho branco, apanhava lentamente ervas salutares, nela beira da água, com um cordeirinho branco ao colo. Os servos humildemente saudaram-no, porque o povo ama aqueles homens de coração tão limpo, e claro, e cândido como as suas vestes cada manhã levadas em tanques purificados. E sabia ele da pas-

sagem do novo rabi da Galileia que, como os Essênios, ensinava a doçura, e curava as gentes e os gados? O Essênio murmurou que o rabi atravessara o oásis de Engaddi, depois se adiantara para além... – Mas onde, além? – Movendo um ramo de flores roxas que colhera, o Essênio mostrou as terras de além-Jordão, a planície de Moab. Os servos vadearam o rio – e debalde procuravam Jesus, arquejando pelos rudes trilhos, até às fragas onde se ergue a cidadela sinistra de Makaur... No Poço de Jacob repousava uma larga caravana, que conduzia para o Egito mirra, especiarias e bálsamos de Gilead, e os cameleiros, tirando a água com os baldes de couro, contaram aos servos de Obed que em Gadara, pela lua nova, um rabi maravilhoso, maior que David ou Isaías, arrancara sete demônios do peito de uma tecedeira, e que, à sua voz, um homem degolado pelo saltador Barrabás se erguera da sua se-

pultura e recolhera ao seu horto. Os servos, esperançados, subiram logo açodadamente pelo caminho dos peregrinos até Gadara, cidade de altas torres, e ainda mais longe até às nascentes de Amalha... Mas Jesus, nessa madrugada, seguido por um povo que cantava e sacudia ramos de mimosa, embarcara no lago, num batel de pesca, e à vela navegara para Magdala. E os servos de Obed, descoroçoados, de novo passavam o Jordão na Ponte das Filhas de Jacob. Um dia, já com as sandálias rotas dos longos caminhos, pisando já as terras da Judeia Romana, cruzaram um fariseu sombrio, que recolhia a Efraim, montado na sua mula. Com devota reverência detiveram o homem da Lei. Encontrara ele, por acaso, esse profeta novo da Galileia que, como um deus passeando na Terra, semeava milagres? A adunca face do fariseu escureceu enrugada – e a sua cólera retumbou como um tambor orgulhoso:

– Oh escravos pagãos! Oh blasfemos! Onde ouvistes que existissem profetas ou milagres fora de Jerusalém? Só Jeová tem força no seu Templo. De Galileia surgem os néscios e os impostores...

E como os servos recuavam ante o seu punho erguido, todo enroscado de dísticos sagrados – o furioso doutor saltou da mula e, com as pedras da estrada, apedrejou os servos de Obed, uivando: «Racca! Racca!» e todos os anátemas rituais. Os servos fugiram para Enganim. E grande foi a desconsolação de Obed, porque os seus gados morriam, as suas vinhas secavam – e todavia, radiantemente, como uma alvorada por detrás de serras, crescia, consoladora e cheia de promessas divinas, a fama de Jesus da Galileia.

Por esse tempo, um centurião romano, Públio Sétimo, comandava o forte que domina o vale de Cesareia, até à cidade e ao mar. Públio, homem

áspero, veterano da campanha de Tibério contra os Partos, enriquecera durante a revolta de Samaria com presas e saques, possuía minas na Ática e gozava, como favor supremo dos deuses, a amizade de Flaco, legado imperial da Síria. Mas uma dor roía a sua prosperidade muito poderosa como um verme rói um fruto muito succulento. Sua filha única, para ele mais amada que vida ou bens, definhava com um mal sutil e lento, estranho mesmo ao saber dos esculápios e mágicos que ele mandara consultar a Sídon e a Tiro. Branca e triste como a lua num cemitério, sem um queixume, sorrindo palidamente a seu pai definhava, sentada na alta esplanada do forte, sob um velário, alongando saudosamente os negros olhos tristes pelo azul do mar de Tiro, por onde ela navegara de Itália, numa galera enfeitada. Ao seu lado, por vezes, um legionário, entre as ameias, apontava vagarosamente ao alto a flecha, e

varava uma grande águia, voando de asa serena, no céu rutilante. A filha de Sétimo seguia um momento a ave torneando até bater morta sobre as rochas – depois, mais triste, com um suspiro, e mais pálida, recomeçava a olhar para o mar.

Então Sétimo, ouvindo contar, a mercadores de Chorazim, deste rabi admirável, tão potente sobre os espíritos, que sarava os males tenebrosos da alma, destacou três decúrias de soldados para que o procurassem por Galileia, e por todas as cidades da Decápole, até à costa e até Áscalon. Os soldados enfiaram os escudos nos sacos de lona, espetaram nos elmos ramos de oliveira – e as suas sandálias ferradas apressadamente se afastaram, ressoando sobre as lajes de basalto da estrada romana que, desde Cesareia até ao lago, corta toda a tetrarquia de Herodes. As suas armas de noite, brilhavam no topo das colinas, por entre a chama ondeante dos archotes ergui-

dos. De dia invadiam os casais, rebuscavam a espessura dos pomares, esfuracavam com a ponta das lanças a palha das medas: e as mulheres, assustadas, para os amansar, logo acudiam com bolos de mel, figos novos, e malgas cheias de vinho, que eles bebiam de um trago, sentados à sombra dos sicômoros. Assim correram a Baixa Galileia – e, do rabi, só encontraram o sulco luminoso nos corações. Enfastiados com as inúteis marchas, desconfiando que os Judeus sonegassem o seu feiticeiro para que os Romanos não aproveitassem do superior feitiço, derramavam com tumulto a sua cólera, através da piedosa terra submissa. À entrada das aldeias pobres detinham os peregrinos, gritando o nome do rabi, rasgando os véus às virgens: e, à hora em que os cântaros se enchem nas cisternas, invadiam as ruas estreitas dos burgos, penetravam nas sinagogas, e batiam sacrilegamente com os punhos das espadas nas The-

bahs, os santos armários de cedro que continham os Livros Sagrados. Nas cercanias de Hébron arrastaram os solitários pelas barbas para fora das grutas, para lhes arrancar o nome do deserto ou do palmar em que se ocultava o rabi – e dois mercadores fenícios que vinham de Jope com uma carga de malóbatro, e a quem nunca chegara o nome de Jesus, pagaram por esse delito cem dracmas a cada decurção. Já a gente dos campos, mesmos os bravios pastores de Idumeia, que levam as reses brancas para o Templo, fugiam espavoridos para as serranias, apenas luziam, nalguma volta do caminho, as armas do bando violento. E da beira dos eirados, as velhas sacudiam como taleigos a ponta dos cabelos desgrenhados, e arrogavam sobre eles as Más Sortes, invocando a vingança de Elias. Assim tumultuosamente erraram até Áscalon: não encontraram Jesus: e retrocederam ao

longo da costa enterrando as sandálias nas areias ardentes.

Uma madrugada, perto de Cesareia, marchando num vale, avistaram sobre um outeiro um verde-negro bosque de loureiros, onde alvejava, recolhidamente, o fino e claro pórtico de um templo. Um velho, de compridas barbas brancas, coroado de folhas de louro, vestido com uma túnica cor de açafão, segurando uma curta lira de três cordas, esperava gravemente, sobre os degraus de mármore, a aparição do Sol. Debaixo, agitando um ramo de oliveira, os soldados bradaram pelo sacerdote. Conhecia ele um novo profeta que surgira na Galileia, e tão destro em milagres que ressuscitava os mortos e mudava a água em vinho? Serenamente, alargando os braços, o sereno velho exclamou por sobre a rociada verdura do vale:

– Oh romanos! pois acreditais que em Galileia ou Judeia apareçam

profetas consumando milagres? Como pode um bárbaro alterar a ordem instituída por Zeus?... Mágicos e feiticeiros são vendilhões, que murmuram palavras ocas, para arrebatam a espórtula dos simples... Sem a permissão dos imortais nem um galho seco pode tombar da árvore, nem seca folha pode ser sacudida na árvore. Não há profetas, não há milagres... Só Apolo Déléfco conhece o segredo das coisas!

Então, devagar, com a cabeça derubada, como numa tarde de derrota, os soldados recolheram à fortaleza de Cesareia. E grande foi o desespero de Sétimo, porque sua filha morria, sem um queixume, olhando o mar de Tiro – e todavia a fama de Jesus, curador dos lânguidos males, crescia, sempre mais consoladora e fresca, como a aragem da tarde que sopra do Hérmon e, através dos hortos reanima e levanta as açucenas pendidas.

Ora entre Enganim e Cesareia, num casebre desgarrado, sumido na prega de um cerro, vivia a esse tempo uma viúva, mais desgraçada mulher que todas mulheres de Israel. O seu filhinho único, todo aleijado, passara do magro peito a que ela o criara para os farrapos de enxerga apodrecida, onde jazera, sete anos passados, mirrando e gemendo. Também a ela a doença a engelhara dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada. E, sobre ambos espessamente a miséria cresceu como o bolor sobre cacos perdidos num ermo. Até na lâmpada de barro vermelho secara há muito o azeite. Dentro da arca pintada não restava grão ou côdea. No Estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois, no quinteiro, secara a figueira. Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou mel entrava o portal. E só ervas apanhadas nas fendas das rochas, cozidas sem sal, nutriam aquelas criaturas de Deus

na Terra Escolhida, onde até às aves malélicas sobrava o sustento!

Um dia um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu farnel com a mãe amargurada, e um momento sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou dessa grande esperança dos tristes, esse rabi que aparecera na Galileia, e de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava todas as criancinhas, e enxugava todos os prantos, e prometia aos pobres um grande e luminoso reino, de abundância maior que a corte de Salomão. A mulher escutava, com olhos famintos. E esse doce rabi, esperança dos tristes, onde se encontrava? O mendigo suspirou. Ah esse doce rabi! quantos o desejavam, que se desesperavam! A sua fama andava por sobre toda a Judeia, como o sol que até por qualquer velho muro se estende e se goza; mas para enxergar a claridade do seu rosto, só aqueles ditosos que o seu desejo escolhia. Obed, tão rico, man-

dara os seus servos por toda a Galileia para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Enganim; Sétimo, tão soberano, destacara os seus soldados até à costa do mar, para que buscassem Jesus e o conduzissem, por seu mando a Cesareia. Errando esmolando por tantas estradas, ele topara os servos de Obed, depois os legionários de Sétimo. E todos voltavam, como derrotados, com as sandálias rotas sem ter descoberto em que mata ou cidade, em que toca ou palácio, se escondia Jesus.

A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe retomou o seu canto mais vergada, mais abandonada. E então o filhinho, num murmúrio mais débil que o roçar de uma asa, pediu à mãe que lhe trouxesse esse rabi que amava as crianças, ainda as mais pobres, sarava os males ainda os mais antigos. A mãe apertou a cabeça esguedelhada:

– Oh filho e como queres que te deixe, e me meta aos caminhos à procura do rabi da Galileia? Obed é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesus, por areais e colinas, desde Corazim até ao país de Moab. Sétimo é forte e tem soldados, e debalde correram por Jesus, desde o Hébron até ao mar! Como queres que te deixe! Jesus anda por muito longe e a nossa dor mora conosco, dentro destas paredes, e dentro delas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o rabi tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse através das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho tão pobre, sobre enxerga tão rota?

A criança, com duas longas lágrimas na face magrinha, murmurou:

– Oh mãe! Jesus ama todos os pequenos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

E a mãe, em soluços:

– Oh meu filho, como te posso deixar? Longas são as estradas da Galileia, e curta a piedade dos homens. Tão rota, tão trôpega, tão triste, até os cães me ladrariam da porta dos casais. Ninguém atenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce rabi. Oh filho! Talvez Jesus morresse... Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O Céu o trouxe, o Céu o levou. E com ele para sempre morreu a esperança dos tristes.

De entre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãozinhas que tremiam, a criança murmurou:

– Mãe, eu queria ver Jesus...

E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo, Jesus disse à criança:

– Aqui estou.

A SUAVIDADE DE UM FURACÃO

Eça de Queiroz, o autor realista que tanta polêmica causou com suas obras anticlericais e plenas de personagens pecaminosos, como *O Crime do Padre Amado* ou *O Primo Basílio*, passados os tempos do combate jovial e do implacável furacão, também apresenta uma outra faceta: a do narrador de milagres e vidas santificadas.

O conto que se lê neste volume, *O Suave Milagre*, é um exemplo da vertente elaborada na maturidade do autor. Com sua extraordinária força

narrativa, ele nos leva a um encontro cheio de fervor com a fé e a emoção, plenas de fantasias românticas.

Os fatos se passam na Palestina ou na Judeia, há mais de dois mil anos, tempos em que Jesus de Nazaré andava pelos caminhos conquistados pelos soldados romanos.

O testemunho de um grande número de leitores de convicções cristãs dá conta de que esta história, eivada de maravilhas, não raramente nos leva às lágrimas mais doces e suaves já experimentadas.

Quanto a mim, recordo que, quando menino, fiquei encantado com o trecho final deste conto, no livro escolar do antigo curso primário.

Tanto assim que, muitos anos depois, me deparando com ele, já na Universidade, recitei *de cor* a parte que assim começava:

“A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu

pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe retomou o seu canto mais vergada, mais abandonada. E então o filhinho, num murmúrio mais débil que o roçar de uma asa, pediu à mãe que lhe trouxesse esse rabi que amava as criancinhas, ainda as mais pobres, sarava os males ainda os mais antigos.”

Este conto, publicado na *Revista Moderna* de Paris, em 1898, dois anos, portanto, antes da morte do autor, teve duas versões mais curtas, até que Eça chegou à forma bem trabalhada tal como hoje o conhecemos.

Pintando um quadro que dá conta dos conflitos e preceitos da região palestina no tempo de Jesus, esse autor português consegue mostrar, em pinceladas breves mas vistosas, tanto os fariseus quanto os essênios.

Os fariseus bem nos lembram, pela “piedosa” hipocrisia, os sacerdo-

tes, bispos e pastores dos tempos passados e atuais. Chamados por Jesus de sepulcros caiados (belos por fora e podres por dentro), eles usavam a fé como pretexto para o enriquecimento ou a desejada projeção social. Nada mais atual, na história do cristianismo.

Os essênios, menos conhecidos, constituíam uma seita ou uma tribo de homens em busca da santidade, muito respeitados pelos povos daquela época. Alguns estudiosos levantam a possibilidade de o fundador da religião cristã ter convivido com eles nos anos em que não há relatos da sua vida.

Para finalizar estas observações iniciais, convém um esclarecimento sobre a grafia do nome do autor aqui adotada.

Ambas as formas – *Queirós* e *Queiroz* – são consideradas corretas pelas infindáveis contendas travadas pelos gramáticos e defensores da norma culta da Língua Portuguesa.

Neste pequeno livro de divulgação, preferimos escrever Eça de Queiroz, por ter sido a forma adotada no registro de nascimento do autor e nos documentos da sua época.

Idêntico critério é adotado no Brasil para os nomes de Ruy Barbosa, por exemplo, e de inúmeras pessoas e empresas, todos oriundos de um momento anterior às últimas reformas ortográficas da nossa língua. Assim, creio ser mais indicado o uso do nome do autor na forma original.

o o o

A Coleção PEQUENAS OBRAS PRIMAS foi concebida para publicar em *e-books* – que mais se assemelham, pela reduzida dimensão, a simples folhetos – textos brasileiros e estrangeiros da mais alta qualidade. Obras capazes, portanto, de despertar e prender a atenção dos leitores que apreciam a

simplicidade de uma história bem contada e, sobretudo, bem escrita.

A arte da leitura, hoje em evidente declínio, por reservar ao leitor o papel de sujeito consciente e senhor de destinos, é o ponto de chegada.

Veja-se que, diferentemente do mero expectador da televisão, o leitor do bom texto literário é quem constrói os significados. A aparência dos personagens, seus trajes e trejeitos não são vistos por entre as palavras. Os cenários onde as coisas acontecem são também construídos na mente de quem lê um livro. Desse modo, o leitor se distancia do expectador e se torna um artista, um criador, que reinventa o que foi escrito.

Como são escolhidas narrativas curtas para esta Coleção, em poucas páginas e em breves minutos o leitor sairá deste mundo fantástico com a certeza de ter desfrutado de um dos momentos essenciais da literatura, através de um livro pequeno no ta-

manho mas de excepcional grandeza na qualidade.

O objetivo aqui visado é contribuir para o prazer do hábito de leitura, num momento de expansão dos meios de comunicação multivisuais.

Cid Seixas

Endereços deste e-book:

www.e-book.uefs.br

www.linguagens.ufba.br

https://issuu.com/e-book.br/docs/suave_milagre

Eca de Queiroz, o autor realista que tanta polêmica causou com suas obras anticlericais e plenas de personagens pecaminosos, como *O Crime do Padre Amado* ou *O Primo Basílio*, passados os tempos de combate jovial e o implacável furacão, também apresenta uma outra faceta. A do narrador de milagres e vidas santificadas.

O conto que se lê neste volume, *O Suave Milagre*, é um exemplo dessa vertente surgida na maturidade do autor. Com sua extraordinária força narrativa, ele nos leva a um encontro cheio de fervor com a fé e a emoção de plenitude romântica.

O SUAVE MILAGRE

A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe retomou o seu canto mais vergada, mais abandonada. E então o filhinho, num murmúrio mais débil que o roçar de uma asa, pediu à mãe que lhe trouxesse esse rabi que amava as crianças, ainda as mais pobres, sarava os males ainda os mais antigos.

Eça de Queiroz

e-book.br

EDITORA UNIVERSITÁRIA
DO LIVRO DIGITAL